

ENFRENTANDO A FINITUDE NO HOSPITAL: DESAFIOS DAS PRÁTICAS DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Luís Henrique da Silva Costa

Graduado em Psicologia pela Faculdade Pitágoras; Pós-graduado em Tanatologia pela Faculdade UNIBF

Psi.luishrnque@gmail.com

RESUMO

Introdução: O enfrentamento da finitude no ambiente hospitalar é um desafio constante para os profissionais de saúde, especialmente em áreas como cuidados paliativos, oncologia e terapia intensiva. A proximidade com a morte exige competências que transcendem a técnica, demandando habilidades emocionais, éticas e comunicativas para lidar com pacientes e familiares em situações de sofrimento extremo. **Objetivo:** Discutir os principais desafios enfrentados pelos profissionais de saúde ao lidar com a finitude no ambiente hospitalar. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, com análise de estudos publicados entre 2017 e 2024, nas bases de dados PubMed, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados os descritores “finitude”, “profissionais de saúde”, “hospitais” e “cuidados paliativos”. Os critérios de inclusão consideraram artigos em português, com texto completo disponível e que abordassem diretamente os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde no manejo da finitude. **Resultados e Discussões:** A falta de preparo emocional e técnica para lidar com a morte, a ausência de capacitação em comunicação sensível e a pressão por resultados em um ambiente que valoriza predominantemente a cura. Muitos profissionais relataram sentir-se sobrecarregados emocionalmente e desamparados diante da necessidade de transmitir más notícias ou assistir ao sofrimento prolongado de pacientes e familiares. As discussões apontaram para a importância da integração dos cuidados paliativos como abordagem central no cuidado hospitalar, a fim de promover um modelo que respeite a dignidade do paciente e valorize a saúde emocional das equipes. **Considerações Finais:** O enfrentamento da finitude no hospital requer mudanças estruturais e culturais no sistema de saúde, com foco na humanização do atendimento e no apoio aos profissionais. Investir na formação continuada, no suporte psicológico e na adoção de políticas públicas que priorizem os cuidados paliativos é essencial para garantir que a prática hospitalar seja ética, acolhedora e sensível às necessidades de pacientes e familiares.

Palavras-chave: Cuidados; Tanatologia; Morte; Cura; Finitude.

Área Temática: Educação em Saúde

1 INTRODUÇÃO

A finitude é uma realidade inevitável no contexto hospitalar, especialmente em unidades de cuidados intensivos, oncologia e cuidados paliativos, onde a proximidade com o fim da vida se torna uma constante para pacientes, familiares e profissionais de saúde (Dias et al, 2020). Já para Hipólito (2023) a experiência do adoecimento grave e a iminência da morte

colocam em evidência questões éticas, emocionais e organizacionais que desafiam a prática dos profissionais, exigindo deles competências técnicas e, sobretudo, humanas. Nesse cenário, o enfrentamento da finitude não é apenas uma questão médica, mas também um processo que envolve comunicação sensível, apoio emocional e respeito à dignidade dos pacientes (Da Silva Costa, 2024).

Os profissionais da saúde que lidam diariamente com a morte enfrentam uma carga emocional significativa, que pode levar ao desgaste psicológico, à exaustão emocional e ao desenvolvimento de sintomas como ansiedade, estresse e síndrome de burnout (Dos Santos *et al.*, 2024). A relação direta com pacientes em situações de vulnerabilidade extrema e a necessidade de tomar decisões complexas em contextos de alta pressão são desafios que evidenciam a importância do suporte psicológico e da capacitação contínua desses profissionais (De Lima Lopes, 2020). Assim, o enfrentamento da finitude no hospital exige, além de habilidades técnicas, um preparo emocional e ético que permita oferecer um cuidado humanizado e respeitoso.

Outro aspecto desafiador é a comunicação com os familiares, que, frequentemente, buscam respostas sobre o estado de saúde do paciente e esperam encontrar no profissional de saúde um mediador sensível e transparente (Unser; Angonese, 2017). De acordo com Fontes *et al.*, (2017) a transmissão de más notícias, bem como o acompanhamento do processo de morte e luto, exige habilidades específicas de comunicação e empatia, aspectos que nem sempre são priorizados durante a formação profissional. Nesse sentido, a educação continuada e o treinamento em habilidades interpessoais são fundamentais para preparar os profissionais para lidar com a complexidade das interações humanas no contexto hospitalar.

De acordo Siman e Rauch (2017) afirmam que a finitude não deve ser encarada apenas como um evento terminal, mas como parte do cuidado integral ao paciente, reconhecendo os desafios impostos pela proximidade da morte e buscar estratégias para superá-los é essencial para promover um ambiente hospitalar mais acolhedor e humanizado. Nesse contexto, investir em políticas institucionais que priorizem a saúde mental dos profissionais, o fortalecimento das equipes multidisciplinares e a formação em cuidados paliativos representa um caminho promissor para enfrentar as demandas emocionais, éticas e técnicas da prática hospitalar diante da finitude.

2 METODOLOGIA

O trabalho é uma revisão bibliográfica, ou seja, revisão de literaturas, onde buscou-se sistematicamente em livros, artigos, teses, revistas e capítulos de livros indexados nas bases de dados: Google acadêmico, Scielo (Scientific Eletronic Libray Online), BVs – Psi, Google Acadêmico, entre os anos 2018 a 2023, utilizando os descritores “Dor; Morte; Finitude; Perdas” aplicando uma leitura seletiva de cunho mais aprofundada das partes que realmente seriam coerentes para o desenvolvimento do trabalho, para poderem incluir-se no corpo do trabalho.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU RESULTADOS E DISCUSSÕES

Enfrentar a finitude no ambiente hospitalar é um dos maiores desafios da prática dos profissionais da saúde. Segundo Onate (2018), a proximidade constante com a morte, característica de áreas como cuidados paliativos, oncologia e unidades de terapia intensiva, exige habilidades técnicas e emocionais que vão além da formação tradicional. Para Zanata et al., (2021) a morte, muitas vezes encarada como uma falha pelo sistema de saúde, coloca os profissionais em uma posição vulnerável, onde questões éticas, emocionais e práticas se entrelaçam. Nesse contexto, o cuidado deve ir além do tratamento curativo, integrando abordagens humanizadas que respeitem a dignidade e os desejos do paciente.

Para Nascimento e Braga (2018) os desafios emocionais enfrentados pelos profissionais de saúde são intensos e frequentemente negligenciados. O contato diário com pacientes em situações de extrema vulnerabilidade e sofrimento, aliado à pressão por resultados, pode levar ao desgaste emocional, à exaustão e até ao desenvolvimento da síndrome de burnout (Monteiro; Mendes; Beck, 2020). Muitos profissionais acabam apresentando dificuldades em lidar com os próprios sentimentos diante da morte, o que reforça a necessidade de suporte psicológico contínuo no ambiente hospitalar, promovendo espaços de escuta e acolhimento para as equipes de saúde é fundamental para minimizar os impactos emocionais e preservar a qualidade do cuidado oferecido (Siqueira Perboni; Zelli; Guebeler Oleira, 2018).

Para Caran et al., (2028) existem outros aspectos desafiadores no enfrentamento da finitude no hospital, pois onde transmitir más notícias, esclarecer dúvidas e orientar familiares durante o processo de morte e luto são tarefas que exigem habilidades interpessoais sensíveis e empáticas. Contudo, essas competências nem sempre são abordadas de forma adequada na formação acadêmica. Investir em programas de capacitação que priorizem a comunicação humanizada e as habilidades relacionais é essencial para preparar os profissionais a lidar com situações de alta complexidade emocional, proporcionando um atendimento mais acolhedor aos pacientes e seus familiares (Massacati; Zagoto, 2018).

Segundo Heidman et al., (2018) a cultura hospitalar, muitas vezes focada exclusivamente na cura, dificulta a aceitação da morte como parte natural do ciclo da vida. Esse paradigma pode levar à adoção de intervenções fúteis, que prolongam o sofrimento sem benefícios reais ao paciente. A integração dos cuidados paliativos como abordagem complementar nos diferentes níveis de atenção hospitalar é uma estratégia eficaz para garantir que o cuidado prestado seja centrado nas necessidades e desejos do paciente, promovendo conforto e qualidade de vida mesmo diante de prognósticos desfavoráveis (pereira; Guimarães e Hermanos, 2017).

Portanto, enfrentar a finitude no hospital exige uma abordagem integral que contemple o cuidado com o paciente, o apoio aos familiares e a valorização da saúde emocional dos profissionais (Dos Santos; Soeiro, 2020). Instituições de saúde têm o dever de implementar políticas e práticas que fortaleçam a humanização do atendimento e promovam o bem-estar

das equipes de saúde. De acordo com Da Silva Costa (2024), investir na formação continuada, no suporte psicológico e na consolidação de equipes multidisciplinares são passos fundamentais para enfrentar os desafios impostos pela finitude, garantindo um cuidado digno, ético e acolhedor em todos os momentos da vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfrentar a finitude no ambiente hospitalar é um desafio que demanda dos profissionais de saúde não apenas competências técnicas, mas também habilidades emocionais e éticas para lidar com situações de alta complexidade. A proximidade com a morte exige que esses profissionais desenvolvam estratégias que conciliem o cuidado integral do paciente com o suporte às famílias, considerando sempre a dignidade e os valores individuais de cada pessoa. No entanto, o enfrentamento dessa realidade frequentemente revela lacunas na formação profissional e nas condições de trabalho, evidenciando a necessidade de uma maior valorização da saúde mental das equipes de saúde e do fortalecimento de práticas humanizadas no cuidado hospitalar.

Para superar esses desafios, é fundamental que instituições de saúde e gestores públicos invistam em políticas que promovam a integração dos cuidados paliativos em todos os níveis de atenção, além de fomentar a capacitação contínua dos profissionais em comunicação sensível e gestão emocional. Oferecer suporte psicológico, fortalecer as equipes multidisciplinares e construir uma cultura hospitalar que reconheça a morte como parte natural do ciclo da vida são passos essenciais para garantir um cuidado ético e humanizado. Assim, será possível transformar o enfrentamento da finitude em um processo menos doloroso e mais significativo para pacientes, familiares e profissionais, contribuindo para um sistema de saúde mais acolhedor e sensível às demandas humanas.

REFERÊNCIAS

- CARAM, Carolina Silva et al. Percepção dos profissionais acerca da morte de pacientes no contexto da Unidade de Terapia Intensiva. *Revista de ciências da saúde nova esperança*, v. 16, n. 2, p. 48-57, 2018.
- DA SILVA COSTA, Luís Henrique. A morte e o morrer no contexto hospitalar: a importância do acompanhamento psicológico aos pacientes e familiares. *Revista Cedigma*, v. 2, n. 3, p. 1-14, 2024.
- DE LIMA LOPES, Matheus Felipe Gonçalves et al. Vivências de enfermeiros no cuidado às pessoas em processo de finitude. *Revista Ciência Plural*, v. 6, n. 2, p. 82-100, 2020.
- DIAS, Ana Paula de Melo et al. A finitude da vida pela perspectiva de profissionais da saúde de uma clínica da família do Rio de Janeiro. 2020. Tese de Doutorado.
- DOS SANTOS, Isabella Peixoto et al. FINITUDE E BIOÉTICA NO FIM DA VIDA: DESAFIOS ÉTICOS E CONSIDERAÇÕES PRÁTICAS NO CUIDADO DE PACIENTES TERMINAIS. *Revista Cedigma*, v. 2, n. 3, p. 81-94, 2024

DOS SANTOS, Vânia Nazaré Maia; SOEIRO, Ana Cristina Vidigal; MAUÉS, Cristiane Ribeiro. Qualidade de vida de pacientes oncológicos em cuidados paliativos domiciliares e desafios da prática médica diante da finitude da vida. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 66, n. 4, 2020.

FONTES, Cassiana Mendes Bertoncello et al. Comunicação de más notícias: revisão integrativa de literatura na enfermagem. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 70, p. 1089-1095, 2017.

HIPÓLITO, Dora Alice. O luto como desafio profissional: percepções dos residentes do Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS. 2023.

ONATE, Neusa Rudek. A finitude do Dasein e a temporalidade originária. **Peri**, v. 10, n. 1, p. 23-35, 2018.

MONTEIRO, Daniela Trevisan; MENDES, Jussara Maria Rosa; BECK, Carmem Lúcia Colomé. Perspectivas dos Profissionais da Saúde sobre o Cuidado a Pacientes em Processo de Finitude. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. e191910, 2020.

NASCIMENTO, Crisóstomo Lima; BRAGA, José Olinda. A finitude em Martin Heidegger e suas repercussões para a psicoterapia. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 8, n. 2, p. 240-250, 2018.

SIMAN, Adriana; RAUCH, Carina Siemieniaco. A finitude humana: morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. **Faculdade Sant'Ana em Revista**, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2017.

SIQUEIRA PERBONI, Jéssica; ZILLI, Francielly; GRIEBELER OLIVEIRA, Stefanie. Profissionais de saúde e o processo de morte e morrer dos pacientes: uma revisão integrativa. **Persona y bioética**, v. 22, n. 2, p. 288-302, 2018.

UNSER, Fernanda; ANGONESE, Amanda Saraiva. A FINITUDE DA VIDA PERMEANDO A ROTINA DE TRABALHO: a visão da morte para os profissionais da Unidade de Terapia Intensiva (UTI). **Seminário de Iniciação Científica e Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE)**, 2017.

PEREIRA, Sandra Martins; GUIMARÃES, Márcio Niemeyer; HERNÁNDEZ-MARRERO, Pablo. Integração de cuidados paliativos e (m) intensivos: Uma análise ao conceito de integração mediante revisão sistemática de literatura. In: **7º Congresso de Cuidados Paliativos do IPO do Porto-Programa Científico**. IPO Porto, 2017.

ZANATTA, Cléia et al. Sofrimento psíquico, envelhecimento e finitude. **Revista Valore**, v. 6, p. 92-108, 2021.